



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

A peregrinação de Novembro 13

Com a piedosa romagem do dia 13 de Novembro ao Santuário das aparições de Nossa Senhora da Fátima iniciou-se o segundo ciclo das peregrinações mensais.

O concurso de fiéis, como de costume nesse mês, foi menor.

Apareceram já os primeiros sinais da aproximação do Inverno. O firmamento conservou-se nublado durante a maior parte do dia. De manhã soprava um vento bastante desagradável, ao mesmo tempo áspero, frio e impetuoso, que voltou a soprar à tarde. As primeiras horas da noite começou a chover. Na ocasião da missa oficial, o sol rasgou as nuvens e mostrou-se com a luz pálida e mortífera própria da estação.

A grande maioria dos peregrinos, em que predominavam homens e rapazes, eram das povoações mais próximas, tendo feito todo o percurso a pé.

seguinte-se a primeira procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora que se dirigiu para o altar do Pavilhão.

Foi o rev. P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria, que celebrou a Missa dos doentes. Estes eram em número de 29. Ao Evangelho fez a homilia o rev. dr. António Antunes Borges, professor e economista do mesmo Seminário. O ilustrado sacerdote tomou para tema da sua alocução as palavras da Sagrada Escritura com que o Santo Padre Pio XII principiou a sua mensagem dirigida a Portugal em língua portuguesa no dia 31 do mês de Outubro findo, por ocasião do encerramento do Ano Jubilar das aparições de Nossa Senhora da Fátima: «*Ben-dizei ao Deus do Céu e glorificai-O na presença de todos os viventes, porque Ele usou para convosco da sua misericórdia.*» O

orador frisou especialmente dois pontos: a nossa responsabilidade em face dos benefícios que a Santíssima Virgem nos tem concedido e os nossos deveres para com Ela.

No fim da Missa, o rev. celebrante deu a bênção com o Santíssimo Sacramento primeiro a cada um dos doentes e em seguida a toda a multidão dos fiéis.

Foram bastante numerosas as confissões e comunhões.

Depois da bênção eucarística, efectuou-se processionalmente a recondução da imagem de Nossa Senhora para a sua capela. Ali foi lida a fórmula da consagração e logo a seguir os peregrinos começaram a dispersar.

A devoção, o silêncio e o recolhimento dos fiéis constituíram espectáculo deveras comovente e edificante.

Visconde do Montelo

ACÇÃO CATÓLICA Movimento de conquista

A Acção Católica é um movimento de conquista.

Nesta hora trágica da história, com o mundo abrasado em fogo e empapado em sangue, poderá parecer estranho que se venha falar em conquista num jornal de paz, como é a «Voz da Fátima».

Mas é bem de ver que não se trata aqui de conquista de povos e de nações, por meio dos processos ferozes de destruição que os homens inventaram, para fazer a sua desgraça. É de fé e de amor a conquista que se pretende fazer.

Estivesse feita esta conquista, e não haveria as outras conquistas que semeiam ruínas e criam ódios e dores.

O mundo exterior e o nosso mundo íntimo estão em guerra, sempre que se divorciam de Cristo, e só encontram a paz, quando se reconciliam com Cristo, Senhor Nosso.

Essa paz não é a paz sobressaltada feita de loucas ambições, que assentam no poderio das armas, e que só não redonda em fragor de batalhas, quando existe o receio dum poder mais alto; nem a paz passiva das consciências mortas ou moribundas, que desconhecem o dever e fogem ao sacrifício; mas sim a paz profunda e duradoura das nações e das pessoas que sabem e querem viver na abnegação intrépida e no cumprimento corajoso do dever. Por isso, o Mestre afirmou que não veio trazer a paz, aquela paz morna feita de transigências e facilidades; veio trazer a outra paz que supõe e exige luta constante, muitas vezes heróica e dura, contra paixões ruins e perversões abomináveis. Dá-nos a sua paz, mas não a paz do mundo.

A realização deste fim, tão alto que aproxima de Deus, tende a Acção Católica. Procura tornar presentes e efectivas as grandes realidades eternas, que para muitos são irreais, e para muitos outros ficam distantes e permanecem geladas.

É, afinal, uma conquista de resgate, para integrar o homem no quadro luminoso da sua vocação humano-divina.

Não podemos ficar indiferentes perante as ruínas de descrença e de ódio que se amontoam à volta de nós, quem sabe se mesmo dentro de nós. Só almas tristemente mediocres podem contentar-se com um conservantismo que é derrota.

Há que combater e vencer.

A luta terá de ser rija e longa, que o espírito do mal tem por si a solicitação imperiosa de loucas ambições e de paixões estonteantes.

Ai daqueles que não souberem vencer-se e vencer! Ficarão para todo o sempre pobres seres abdicados, sem coragem para fazer fructificar as preciosas energias que o Senhor generosamente lhes concede.

A Acção Católica, mandatária da Igreja na cruzada santa de recristianização do mundo, chama-nos a ocupar os nossos postos, de apostolado e de oração.

É dura a batalha, mas Deus está connosco.

E se Deus é por nós, que importa que o mundo seja contra nós?

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

JACINTA é um livro encantador em que se nos conta a vida heróica da pequenina vidente de Fátima, a sua santa morte, os seus colóquios com o Anjo e com a Mãe de Deus e o segredo que Nossa Senhora lhes confiou. O segredo, sim, está finalmente descoberto em parte. Magnífica prefácio de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca. Compre já o livro que se não arrepende!

A 3.ª edição apareceu há dois meses. Já estão vendidos 3.000 exemplares.

Faça-o já à GRÁFICA — LEIRIA.
Mande o dinheiro à frente — 10\$00.
Sendo à cobrança são — 11\$00.

A hora habitual, isto é, cerca do meio-dia, rezou-se o terço em frente da capela das aparições,



Delegação de Ilustres Senhoras que na Fátima ofereceu a coroa a Nossa Senhora em nome das mulheres portuguesas. Estava presente também o Rev. S.º Domingos da Apresentação Fernandes, Digno Assistente da Liga de Acção Católica Feminina

Da esquerda para a direita: Ex.ª S.ª Viscondessa de Maiorca, Condessa de Monte Real, Viscondessa do Vol de Reis, D. Lúvia Braamcamp Sobral, Condessa de Alcáçovas, Condessa de Almostr, Dr.ª D. Maria Luísa Van Zeller e Marquês de Ficalho

A GRATIDÃO

«O primeiro e o maior dever do homem é o da gratidão. Nada há tão aceite a Deus como a alma reconhecida pela graça e pelos benefícios recebidos...». Palavras de Sua Santidade Pio XII na gloriosa rádio-mensagem aos portugueses, no encerramento do Ano Jubilar das aparições de N.ª Senhora da Fátima, palavras que cada um de nós deve aprofundar e meditar.

O Senhor passa ao longo da nossa vida semeando profusamente os Seus dons, derramando sobre nós as torrentes de Suas graças e de Seu amor. A todos nos marcou com o Seu carinho a todos nos envolveu no Seu amoroso olhar de Pai.

Não há *deserdados da sorte* na casa abastada do Pai de família, ou antes, se os há, são aqueles pródigos que voluntariamente esbanjam a sua herança bandeando-se com o inimigo, são aqueles ingratos que vendem por um prato de lentilhas os seus direitos divinos, numa palavra, aqueles que pelo pecado grave, voluntário e pertinaz, se afastam da amizade de Deus.

Não há *deserdados da sorte*, desde que o mesmo Senhor proclamou *«bem-aventurados os que choram, os que sofrem perseguição, os que têm fome e sede de justiça»* e quis connosco chorar, ser perseguido e sofrer por amor. Simplesmente nós não queremos

ou não sabemos ver os dons de Deus.

Quanto de nós consideramos a própria existência, dom inestimável que gratuitamente recebemos das mãos de Deus, como o maior dom, porque sem Ele não seria possível receber os outros?

Quanto de nós se lembram de dizer ao Senhor, do fundo do seu coração agradecido, um sincero e ardente: *«obrigado, meu Deus, por me terdes criado?»*

As mais das vezes o que nós dizemos ou ouvimos dizer à nossa volta, quando o sofrimento nos crucifica, é esta lamentação tão repetida e que tanta ingratidão manifesta: *«quem me dera morrer, ou então e pior ainda, quem me dera nunca ter nascido.»*

Senhor, perdoad a nossa cegueira e insensatez e ensinal-nos

(Continua na 9.ª página)

NA ESTRADA DE DAMASCO

A conversão de uma actriz

Eva Lavalière

O seu verdadeiro nome era Eugénia Fenoglio; em Paris, todavia, conheciam-na apenas por Eva Lavalière. E não só em Paris, mas em todo o mundo, pois ela foi uma «estrêla no firmamento do Teatro, uma soberana rainha da cena, e vira príncipes aos seus pés de inimitável artista». No momento, precisamente, em que a voz de Deus se lhe fez ouvir, fulminante, irresistível, estava ela preparada a partir para uma longa viagem artística aos Estados Unidos, onde iria colher farta messe de glória... e muitos milhares de dólares.

A sua alma, porém, era de tempera demasiado rara para se contentar com os triunfos ou com os proventos obtidos no teatro: sentia, mesmo na embriaguez dos seus sucessos, em que lhe davam frenéticas palmas e dinheiro a rodos, a inquietação misteriosa, que nada do que é humano poderá nunca satisfazer. — *«Alivia quem me tivesse inveja, dizia ela mais tarde, mas se soubesses como eu sofria, o que teriam era pena de mim. Ah! as pessoas do mundo imaginam que a gente do teatro é muito feliz por ser coberta de aplausos e cheia de mimos. E porque ignoram o vazio enorme das nossas existências, não conhecem nada da nossa desgraça.»*

Na desordem da sua vida, contudo, Eva Lavalière conservava acesa uma ténue centelha de fé. Por exemplo: Tinha uma devoção sincera, talvez um pouco supersticiosa, para com a Virgem Santíssima: tanto assim que, na véspera das grandes representações, não se esquecia de ir acender uma vela a Nossa Senhora das Vitórias. Mas não passava disto: eram fogachos tímidos, que logo depois se apagavam... com a claridade da vela.

Ora, em junho de 1914, Eva Lavalière alugou na provincia, muito longe de Paris, uma espécie de castello, sumptuosissimo palácio, para onde tencionava retirar-se, de tempos a tempos, (sempre que houvesse férias no seu Teatro de Variedades), «a passar algumas semanas de libertação», — explicava ela. A propriedade, que circundava essa magnifica vivenda, era muito vasta e muito rica, e pertencia a uns órfãos, de quem o pároco era tutor, — de modo que com este padre é que a gloriosa actriz tinha de entender-se como inquilina. No contrato de arrendamento, ficara estipulado que os donos da quinta reservavam, para si próprios, todos os frutos do pomar, abundante, variado, esplêndido... e a gentil parisiense nenhuma observação opusera a tal cláusula. Quando, porém, viu avermelharem as cerejas, mudou de opinião, e principiou a cogitar que fizera mal... Aquelas cerejas, que as aves já debicavam! Aquelas cerejas!

Nestes entretimentos, o pároco, um santo velhinho, vem visitá-la: — *«Então, minha Senhora, sente-se bem? Está contente?»*
— *«Sim, e não, senhor Prior. Não! Porquê?»*
— *«E que as cerejas do quintal causam-me um apetite desesperado! Até já estou arrependida de me comprometer a que não lhes tocaria.»*
— *«Sério, minha Senhora? — Sério, pois! E creia que é crueldade sem nome infligir-me tão duro suplicio. Deixar amadurar, diante dos meus olhos, cerejas tão lindas, sem eu poder prová-las. E demais!»*

Aqui, o pároco teve uma inspiração do céu: a primeira Eva perderá-se por uma maçã, — por que não havia de salvar-se esta... por meio de cerejas?... De forma que não hecitou um instante:
— *«Pois bem, minha Senhora. Se-*

rei bom senhorio. Vou oferecer-lhe uma compoteira ou duas, mesmo três ou quatro, dessas cerejas. Mas... ela por ela! Ponha uma condição!
— *«Aceito!»*
— *«Antes de saber o que é! De resto, não é nada de meter medo. E isto: dou-lhe toda a colheita de cerejas, — toda, note bem! — com a condição da Senhora ir no próximo domingo assistir à missa solene e ao sermão.»*
— *«U! E só isso? Supuz coisa muito pior. Está claro que aceito. Se Paris vale bem uma missa, as cerejas deste pomar valem bem missa e sermão.»*

Durante toda a semana, o bom do sacerdote deitou abaixo toda a livraria de autores eclesiásticos, e preparou um admirável sermão sobre o arrependimento. E no domingo seguinte, com a presença de Eva Lavalière e da sua dama de companhia logo na primeira fila dos ouvintes, o venerando padre recitou, quasi dum fôlego, o seu tão bem estudado discurso, com o intimo prazer dum general, que sabe de antemão que tem ganha a vitória. — A tarde, muito senhor de si, dirige-se ao palácio:
— *«Então, minha Senhora, que lhe pareceu o meu sermão?»*
— *«O seu sermão, senhor Prior! Ail deixo-me aqui! Eu não entendi nada! A sua pronúncia é tão defectuosa! A maior parte das palavras não se percebe! Olhe, se quiser, posso dar-lhe uns ensaios de declamação. Quere?»*
— *«O pobre padre caiu das nuvens! Lá se ia por água abaixo todo o grandioso andaime das suas esperanças! Pois quê! Aquela Eva Lavalière tão franca, tão leal, havia de fugir ao seu apostolado! Não podia ser! E então, tendo conhecimento de que ela se entregava a práticas de espiritismo, não se conteve, e atirou-lhe a queimadura.»*
— *«A Senhora acredita no diabo! Até está em comunicação com ele! Tenha cautela! Um dia pode muito bem acontecer-lhe que vá para o reino desse inimigo de Deus! E para sempre!»*

Estes dizeres tão fortes impressionaram vivamente Eva Lavalière, que, pouco depois, exclamava para a sua companheira:
— *«Realmente, se o diabo existe, também existe Deus! Que ando eu a fazer? Que vida é a minha?...»*
Passados dias, o zeloso pároco volta ao castello, trazendo um livrinho:
— *«Minha Senhora, como vizinho, venho trazer-lhe um presente. Oh! um presente muito modesto! Mas, enfim, faz-me o favor de o aceitar?»*
— *«Isso nem se pergunta, senhor Prior? Pois por que não?»*
— *«E que — e aqui o sacerdote não quis ser apenas vizinho amável, mostrou-se verdadeiramente apóstolo — é que uma mulher como a Senhora não deve ler este livro... senão de joelhos.»*
— *«Não tem dúvida, senhor Prior. Mesmo assim... deixe ficar.»*

E Eva Lavalière recebeu, nas suas mãos pequeninas, a História de Santa Maria Madalena, escrita pelo padre Lacordaire. Leu-a, como prometera, de joelhos. Quando se levantou... já não era a mesma: deixara, ela própria, de ser «Maria Madalena», para ser «Irmã Eva-Maria do Coração de Jesus»...

Padre Allyrio de Mello
Os mais lindos presépios

para todos os preços, com poucos ou muitas figuras vende a GRÁFICA — LEIRIA.
Escreva já o encomendar.

Por que não é ainda Cruzado?

«Não se compreende, creia. Ser católico, ser português, devoto de Nossa Senhora e leitor da «Voz da Fátima» e não pertencer ainda à Pia União dos Cruzados de Fátima! Não se compreende. Ora diga lá que razões tem para o não ser?»
— *«Falta de tempo?»*
— *«Mas não é preciso tempo nenhum.»*
— *«Falta de dinheiro?»*
— *«Mas não é verdade que estraga por dia ou por semana muito mais do que aqui se lhe pede por mês?»*
— *«Outros encargos que já pesam sobre a sua economia?»*
— *«Mas olhe que os inimigos da verdade, os inimigos de Deus fazem pela difusão do erro enormes sacrifícios.»*
— *«E nós pela verdade, pela glória de Deus, pela salvação das almas não seremos capazes de sacrificar ao menos uns vinte centavos (dois tostões) por mês?»*
— *«Quere razões?»*
— *«Pede-lho a Igreja, a Igreja Católica, pedem-lho tantas almas que por ela se hão-de salvar.»*
— *«Não feche os ouvidos. Inscreva-se já.»*

VOZ DA FÁTIMA

DESPEBAS

Transporte...	2.520.627\$66
Papel, comp. impr. do n.º 242	22.377\$15
Franq. Emb. Transporte do n.º 242	5.603\$19
Da Administração	300\$00
Total	2.548.908\$00

Donativos desde 15\$00

Alfredo Torres, Viana do Castelo, 50\$00; P.º José Jorge Fialho, Nazaré, 20\$00; D. Maria Isabel da Rocha, Lisboa, 50\$00; P.º João Mendes Abranches, Guarda, 100\$00; D. Aurora Macedo, Santa Marta Penaguião, 20\$; D. Celeste M.ª de Sousa, Guarda, 50\$00; José Cardoso Júnior, Penajoia, 60\$00; D. Maria José Oliveira, Alvelos, Viseu, 20\$00; D. Elvira A. Córte Real, Avanca, 20\$00; D. Manuela da Glória Silva, Graciosa, 20\$00; Várias esmolos por intermédio do Rev. P.º Augusto Teixeira Soares, Açores, 40\$00; Victor de Sousa, Santa Maria, 80\$00; D. Elvira Nunes da Fonseca, Lisboa, 70\$00; D. Ana da Conceição S. Patrício, Évora, 20\$00; D. Elvira da Conceição Nunes Ferreira, Estoril, 20\$00; D. Ana Marta do Régo, Açores, 50\$00; D. Maria Constantino dos Santos Raposo, ibidem, 50\$00; D. Maria A. B. Dá Mesquita, Baslo, 100\$00; Francisco Correia Saramago, Beira, 100\$00; Anónimo, 20\$00; P.º Domingos de Araújo, Refojos, 120\$; D. Clara Maria, Miranda do Corvo, 38\$00; D. Laurinda C. Cunha, 58\$00 e D. Caridade Marques Espanha de Rezende, Avanca, 20\$00.

A estrêla da Fátima

A edição do número especial de Outubro da revista «STELLA» esgotou-se rapidamente. É impossível atender novos pedidos de exemplares. No meado de Dezembro sairá o número especial do Natal. Só serão deferidos os pedidos que sejam feitos dentro desse mês. Preço 2\$50. Assinatura anual com direito aos números especiais 26\$00.
O calendário de N.ª S.ª da Fátima para 1943 tem sido muito apreciado. Preço 1\$00; pelo correio 1\$30.
Endereçar os pedidos à Administração da Stella — Cova da Iria (Fátima).
Visado pela Censura

De Riba da Burra

A Ti Albina vinha mal humorada do mercado. Todos o adivinharam mal enxergaram o lenço por debaixo dos queixos, com as pontas entaladas junto das bochechas como se tivesse dór de dentes. Picava na asna com a ponta de um canivete e dava upas em cima da albarda como uma fera na gaiola. E rusingava, rusingava szinha...
— *«Crede, Mãe Santissima disse-lhe a comadre Livramento que a foi alcançar com o coração à boca e verdadeira com o carrêgo do govêrno à cabeça.»*
— *«Parece que não vai de muito boas graças com Deus ou com o mundo!...»*
— *«Se lhe parece, comadre, só consumições.»*
E lá começa a Ti Albina, com mau gênio, a passar contas do seu rosario de martirios.

A asna toda desunhada e mais chaguenta da mosca que os mendigos das estradas tinha um passo de lesma e não se agüentava nas pernas. Era um castigo para deitar a casa; e que morrinha a ma'asse antes que o sol se fôsse que ocasiões havia em que do povoado até à vila mais vezes a virara que o sino grande em noite de finados...
— *«Baias passem os cachopos que ma trazem assim cortada da ladeira, presa todo o dia à estaca enquanto vão para a ganatic.»*
— *«Deixe estar que pior é ir a pé como eu. Ha anda muito pior...»*
— *«Pois ha... ha!... Diabos levem a vida que se não pode viver. Mas valha esganarem a gente quando deslamos a cabeça ao mundo. Um trapo custa uma mão cheia; bacalhau, só um migalho e pelas horas da morie; arroz viste-lo às vezes, e assim andando é tudo... Qualquer dia morre a gente com a pele à mostra e com os dentes ferrados uns nos outros. Mas sãna nos trouxe ao mundo! Figas canhot!»*
— *«Eu cá então não me incomodo. Como os outros passaram também eu hei-de passar. Melhor os pior, de qualquer forma se ha-de cumprir o de grêdo. O que é preciso é que se vá de cá com as centas limpas. O resto... é breve, pouco interessa.»*
— *«Mas a gente também não tem alma para tudo! — Arret Parca dos infernos! Os lobos te comam, queres ficar aqui no meio da estrada!»*
E mais uma picada na anca da burra e um alão para sobrecarga; mais dois safanões à serrilha, um aconchêgo ao lenço e à saia, a Ti Albina continuou com ar mudo escamado:
— *«Pois sim... Pois sim... Mas a paciência é como a água no réggo que, quando faz calma, cinca.»*
— *«Já entendi tudo, comadre. E a festa, não é? Abençoado padre!»*
— *«Abençoado? Excomungado seja ele! Que importava a'quele casmurro que os rapazes e as raparigas se divertissem? Dançavam-lhe naturalmente na careca para lhe fazerem péso?»*
— *«Não era na careca mas era na alma. Então as festas são para honrar a Deus e aos santos ou para os ofender? Assim não são em honra, são em desonra. E um padre que tem a seu cargo a salvação das almas sofre se as vê perder.»*
— *«O povo também precisa de se divertir, mulher!»*
— *«Pois está muito bem comadre. Eu também acho muito certo que não seja só o cabo da enxada da manhã à noite, nem só o cabo da charrua, em suma, nem só trabalhar. Mas é preciso que a gente santifique o divertimento e a alegria porque foi Deus que os fez.»*
— *«Mas as festas são para isto: dar umas voltas, comer e beber!...»*
— *«Nesse caso, comadre Albina, eu entendo que não devem chamar para lá o nome do santo. Façam a festa em honra do vinho, levantem um altar ao chavelhudo e dancem à roda dele Deus me perdoe.»*

— *«Apre que você está picada! Olha lá o grande prejuizo que dá a Deus e ao padre uma rodada...»*
— *«Não é ao padre, é a quem as dá. Diga cá, porque é que, da outra vez, ficou como uma ditcha quando viu o compadre, já pingadito, agarrado à moleira que é uma mulher limpa?»*
— *«Ora... o diabo toca-as!...»*
— *«Ah!... Tece?! Pois aí tem.»*
— *«Mas as raparigas precisam de se casar! Hão-de ficar solteiras toda a vida?»*
— *«E êles para as danças vão para casar? Diga, antes, que vão para se vir delas. A mulher honrada conhece-se no trabalho e numa vida fôda; não é agora num momento de cegueira.»*
Fique tranqüila que as suas, se tiverem juizo, não hão-de ser preciso, para casar, andar de feira em feira, salvo seja, com um choculho ao pescoço. Há sempre um pé para uma bota e um testo para uma panela.

A gratidão

(Continuação da 1.ª página)

a amar melhor o dom precioso da vida que nos destes; dom que nos torna possível herdar os merecimentos infinitos de Jesus, nosso Salvador e nosso Irmão; dom que após o breve exílio remata no triunfo glorioso da bem-aventurança eterna.
Ensina-nos Senhor a fazer render generosamente este talento inestimável da nossa existência que tantas vezes preguiçosamente enterramos sob a camada espessa da nossa miséria e do nosso egoismo.

Todos os momentos da nossa vida, passados no cumprimento fiel do dever de cada dia, no duro labor de ganhar o próprio sustento e dos seus, na tarefa bendita de bem-fazer ao próximo que sofre e que luta, no apostolado das almas; — na alegria ou na tristeza, no prazer ou no sofrimento, na abastança ou na miséria, — todos os momentos da nossa vida são, desde que os vivamos em graça, tesouro precioso que nos alcança a maior riqueza, a riqueza infinita por que a nossa alma anseia — o amor de Deus cá na terra e o Céu na vida futura.

A gratidão pelo passado é melhor de confiança para o futuro. Diz ainda Sua Santidade. Por isso, Senhor, do íntimo da minha alma, eu Vos agradeço reconhecidamente, por mim, por aqueles que o não sabem ou não querem fazer, tantos benefícios que da Vossa liberalidade temos recebido, especialmente pelo benefício incomparável da vida e da possibilidade de Vos conhecer e amar no mundo para depois eternamente Vos gozar no Céu.

Tudo mais caro

menos as lindissimas estampas de Nossa Senhora da Fátima. Agora mais do que nunca é vergonha não ter em casa um quadro ou imagem de Nossa Senhora. Bodas de Prata das aparições quere dizer Portugal e o mundo inteiro consagrados ao Imaculado Coração de Maria, quere dizer cada família consagrada a Nosso Senhor da Fátima.
Peça-as já ao depósito — GRÁFICA — LEIRIA.

PEÇAM no Santuário da Fátima as medalhas em prata e ouro comemorativas do Ano Jubilar, assinadas pelo escultor João da Silva

Graças de N. S. da Fátima CRÓNICA FINANCEIRA

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria de Oliveira Santos Barbosa, Ovar, diz que, tendo sido acometida duma grave doença de fígado, consultou diferentes clínicos que declararam tratá-la de duma doença pouco vulgar, sendo alguns de opinião que se poderia melhorar mediante uma intervenção cirúrgica. Repugnando a enferma muito o submeter-se à operação, recorreu com muita fé a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que a melhorasse. Pouco tempo decorrido, sucedeu encontrar-se curada, e de um modo tão singular que causou estranheza aos próprios médicos. Como prometeu, vem tornar público o seu reconhecimento a Nossa Senhora.

Este relato foi confirmado pelas assinaturas do Rev. Pároco P. Oliveira Pinto e pelo Ex.º médico, dr. Acácio Valente.

D. Madalena de Albuquerque, Cande-do-de-Mato, diz que, tendo tido a mãe um joelho muito inchado e vermelho, com grandes dores e muita febre, recorreu na sua aflicção a Nossa Senhora da Fátima ajoelhando-se na sua igreja diante duma imagem da Santíssima Virgem. Quando regressou a casa encontrou a mãe já mais aliviada e dentro de alguns dias tudo desapareceu ficando curada.

D. Noémia Garcia Calisto, Valadodós-Frades, diz que, sofrendo a mãe havia já muito, do coração, surgiram-lhe outras complicações, tornando-se o seu estado duma gravidade extrema. Na imbecília de perder a mãe, recorreu cheia de confiança a Nossa Senhora da Fátima que ouviu a sua súplica concedendo a saúde a enferma contra todas as expectativas.

D. Dulce Taveira Fernandes de Sousa, Espinho, diz que, estando para nascer o seu primeiro filho, prometeu se não houvesse perigo, oferecer uma imagem de Nossa Senhora da Fátima para a igreja da sua freguesia. Tendo de ser operada entretanto, e morrendo a criança, quando já se encontrava na mesa das operações, pediu á Nossa Senhora da Fátima, que lhe pedisse a sua fé e confiança, pedindo á Santíssima Virgem a salvação, a ela, já que o seu filhinho morrerá, pois não só cumpriria o que prometeu mas ainda havia de mandar publicar esta graça. Nossa Senhora da Fátima ouviu a sua súplica, por isso lhe vem agradecer publicamente.

António José Meireles, Monchique, diz: «Domingo, 24 de Maio de 1927, minha filha Maria da Conceição Meireles, de 10 anos de idade, foi atacada de uma grande febre, 40° e 1, indicio dum ataque pernicioso, frequente nestas paragens. Foi sacramentada, perdendo-se todas as esperanças na medicina. Lembram-se os pais de lhe levarem água da Fátima. Ao darem-lha a beber, a pequena, por acenos, pois já não falava nem via, pediu para lhe deixarem molhar os dedos. Benzeu-se e bebeu uma colher de água. No dia seguinte, de manhã, estava melhor, dizendo então para as suas companheiras de enfermaria, que foi a água da Fátima que a salvou».

D. Maria Rosalina, Pampilhosa-da-Serra, diz que, estando bastante mal duma das pernas, não podendo andar, recorreu a Nossa Senhora da Fátima por meio duma novena, depois da qual reconheceu a andar perfeitamente bem. Por isso deseja tornar público o seu reconhecimento á Mãe de Deus.

D. Maria Casimira de Carvalho, Fão, diz que, encontrando-se com principio duma grave doença, segundo declaração médica, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, bebendo água do Santuário e logo todos os maus sintomas desapareceram. Teve depois outra doença muito grave, durante a

qual recorreu a Nossa Senhora da Fátima e ficou curada. Finalmente, estando uma pessoa amiga gravemente enferma, recorreu a Nossa Senhora e obteve a sua cura. Por tudo lhe vem agradecer.

NOS AÇORES

D. Maria Belmira da Silva, Calheta, S. Jorge, sofria; havia um ano, de fortes cólicas nos intestinos do lado direito, que lhe dificultavam muito o andar. Consultou quatro vezes o médico e, como apesar dos medicamentos, não se sentisse melhor, recorreu a Nossa Senhora de Lourdes pedindo-lhe a sua cura e prometendo publicá-la na «Voz da Fátima». Nossa Senhora ouviu a sua súplica; por isso vem cumprir o que prometeu.

Segue-se o atestado do médico: «Eu, José Correia da Cunha Júnior, licenciado em medicina e cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, atesto, sob compromisso de honra, que Maria Belmira da Silva, solteira, maior, natural do lugar da Caldeira-de-Santo-Cristóvão, freguesia de S. Tiago (Ribeira-Seca) deste concelho e residente no mesmo lugar, foi por mim tratada medicamente de apendicite durante algum tempo, tratamento do qual não resultou melhoria notável, pelo que foi com alguma surpresa que, tendo perdido de vista a doente, digo, verificou que os sintomas do mal em

causa desapareceram e o seu estado geral se apresenta próspero. E por ser verdade e para os fins particulares a que a interessada o destina, passo o presente que vai por mim datado e assinado.

Vila da Bermuda (Ilha de S. Jorge — Açores) aos dias onze de Julho do ano de mil novecentos e quarenta e dois. José Correia da Cunha Júnior.

Agradecem graças obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima:

D. Maria Emilia Pinto Soares Morcira, Porto.

P.ª Manuel da Rosa Pereira, Santa Bárbara, Pico.

D. Idalina Bandeira, Évora.

José Pereira, S. Miguel-de-Passo.

D. Luisa Reza, Mesão-Frio.

D. Albertina A. Sa, Viseu.

D. Maria José de Sampato Beja, Mangualde.

Francisco José Avelar Nobre, Monchique.

João Borges, Carracedo-de-Montenegro.

D. Carlota Bostos e Silva, Portalegre.

D. Emilia de Amorim Rodrigues, Val-de-Pereiros.

D. Maria Celeste Mendes da Silva, Marco-de-Canavezes.

D. Maria Dolores Pereira, Porto.

No fim da guerra de 1914-1918 que ainda hoje, apesar do que estamos vendo, se pode chamar a **Grande Guerra**, a emigração de trabalhadores rurais para os países beligerantes, principalmente para França e para os Estados Unidos, foi extraordinariamente grande, chegando a fazer-se sentir a falta de braços em algumas terras do Minho. Conversando nós um dia sobre o assunto com um lavrador minhoto e perguntando-lhe por que é que se não tratava de pôr cóbro a tão grande êxodo, disse-nos ele: **Não é fácil evitar que eles partam, porque nem nós, os proprietários, lhes podemos pagar mais, porque as terras não dão para isso, nem eles podem viver com o que lhes damos porque é muito pouco.** Esta frase lapidar definia perfeitamente a situação da lavoura portuguesa do post-bellum e é possível que venha a aplicar-se textualmente de novo no fim desta. Por isso mesmo não será desprovido de interesse para os nossos prezados leitores lembrar-lhes o que então se passou e que por certo se vai repetir com pequenas diferenças.

Os emigrantes mais numerosos foram os que se dirigiram para França, onde todos ganharam dinheiro, homens e mulheres, mesmo aqueles que na sua terra se não apegavam ao trabalho. Em França todos trabalhavam, mesmo na lavoura, e se não se fizeram lá grandes fortunas, a verdade é que todos trouxeram o seu

pecúlio e veio de lá muito dinheiro. Por sinal que, muitos foram mandando o que ganhavam às suas mulheres, para cá o ajuntarem, e quando chegaram viram-lhe o sitio, que estava todo comido. Mas, comido ou poupado, cá ficou.

Para a América foram menos os emigrantes, em 1.º lugar porque havia dificuldades de entrada por o contingente português ser muito pequeno, e por outro lado porque a passagem era mais cara. Mas veio de lá muito dinheiro e tanto que as terras subiram a preços nunca vistos.

Mas a crise de 1929 pôs fim ao este fluxo de emigrantes e dinheiro, as terras caíram e ficaram tão devastadas que algumas nem sequer valiam, já não dizemos os direitos de transmissão em caso de morte, mas as próprias contribuições depois de relaxadas. A lavoura portuguesa e de um modo especial o Minho passaram então por uma crise pavorosa de que ainda não estão completamente refeitos. Mas como a História se repete, a prosperidade virá e o lavrador há-de refazer-se. Praza o Deus, porém, que não perca a cabeça, como sucedeu na outra guerra, e se meta em grandes obras e escusadas compras, tudo a crédito, porque depois há-de vir também a jessaca, com as suas vacas magras que há-de comer as gordas e deixá-las os imprudentes a pedir, tal qual como sucedeu da outra vez.

Pacheco de Amorim

CONTO DE NATAL

— Sr. Soares... Muito boas festas!

— Sr. doutor...

E Roberto Soares, de regresso do seu passeio habitual depois de jantar, cruzava-se com o vizinho do rez-do-chão e punha-se a subir a escada resmungando entre dentes:

— Boas festas pra quê?... Boas festas, de quê?...

Não haveria então maneira de acabar com essas e outras velharias? Convencionalismo!... Tudo convencionalismo! Quando se libertaria — definitivamente — a humanidade de certas pellas que a não deixavam respirar desafogada?

Mas a verdade é que era bem pouco desafogado que o pobre Soares levava os seus quasi sessenta anos, antes lhe parecia que um peso de chumbo lhe amachucava constantemente o peito, trazendo-o arrellado contra si e contra o mundo inteiro.

Empertigando-se para se dar ares, num inútil esforço de se iludir a si próprio, galgou até ao terceiro andar em que residia, casa triste onde, contudo, nada lhe faltava, materialmente falando, e menos faltaria se não fosse um pouco agarrado. Carolina, a criada que o servia já há um bom par de anos, tirava-lhe tudo a jeito a tempo e horas e mutuamente se iam suportando nas casmurricas inerentes à idade e condição de ambos.

— Já se quer deitar, sr. Soares? Posso levar a botija? — perguntou ela mal o patrão enfiara as pantufas e se ajelara com uma manta junto da secretária.

— Você está doida, mulher! Ainda pouco passa das dez! Que pressa é essa hoje? Não me dirá?...

— Pressa... eu? retorquiu Carolina encolhendo os ombros e dando meia volta para a cozinha.

Mas quem a observasse bem notaria no rosto encarquilhado um certo rubor que não vinha do lume e um morder de lábios que lhe era peculiar nas grandes preocupações ou contrariedades. Nada acrescentou, porém, e pegou na meia cujas agulhas se pôs a manejar aceleradamente.

Num quarto das águas-furtadas do prédio mesmo por cima da cozinha onde a sr.ª Carolina

ia descarregando a meia o seu mau humor, morava uma pobre viúva com dois filhos, uma pequena de 9 anos, presa ao leito por paralisia nos membros inferiores, e um rapazinho de 6, loiro e rosado como um anjo, o enlévo das duas infelizes.

A noite estava branda — nem parecia de inverno — e o pequeno, encostado ao varandim sobre o telhado onde rematava a escada de serviço do prédio, entretinha-se na contemplação do casario que se acastelava em panorama imenso na sua frente. Frequentemente, porém, os olhos erguiam-se-lhe para o céu que parecia tão longínquo e tão negro por efeito das luzes da cidade. E a sua cabecinha trabalhava, trabalhava, com o mesmo afã com que a mãe pedalava na máquina da costura e a sr.ª Carolina, em baixo, ia tecendo a meia...

Era noite de Natal... O menino Jesus descia à terra... Diziam-lhe os outros pequenos que Ele vinha pelas chaminés abaixo pôr brinquedos nos sapatinhos...

Mas no miserio quarto não havia sequer chaminé e agora que nem petróleo havia para o fogareiro, tinham de contentar-se, da parte da manhã, com a sopa dos pobres que muita vez mal chegava morna e, à noite, com um caldo da taberna ali próxima que, esse, vinha quentinho que era um regalo.

Sim, se não tinham chaminé, como haviam de esperar que o Menino lhes entrasse no quarto?... Ah, mas como ele desejava vê-lo, o adorado Menino que uma estampazinha lhe mostrava tão lindo, adormecido nas palhinhas...

— Antoninho, disse então de dentro a mãe. Anda para a caminha, filho! Já é tão tarde... Como é que deram as dez e as onze sem eu dar por isso?...

— Lá vou, mãezinha... Mas está-se tão bem aqui... Já a retirar-se. Um ruído, porém, logo abaixo, fê-lo debruchar e aplicar o ouvido. Cautelosamente a sr.ª Carolina saía, acompanhada de outra mulher que lhe dizia baixinho:

— Não sei, na verdade, como se atreve a deixar a porta só encostada...

— Que quere? respondeu Carolina. É uma das manias do meu patrão ficar com a chave da

porta no quarto... E hoje sinto um desejo tão grande de ir à Missa do Galo que não resisto. Se lhe falasse nisso, tínhamos arenga e da grossa... Assim vou e volto em paz. O Menino Jesus me guardará a porta.

E desceram a escada enquanto o Antoninho voltava para dentro e, depois de breve oração com a mãe, pois que a doentinha já rasonava, deitava-se e adormecia.

Meia hora, se tanto, e acordava sobressaltado. O Menino Jesus já andaria pelas chaminés a distribuir brinquedos? Já estaria talvez na cozinha de baixo a ver se havia por lá sapatinhos... Ah, se pudesse ao menos vê-lo...

E a idéia de que a sr.ª Carolina deixara a porta aberta apresentou-se-lhe imperiosa. Sentou-se na cama que era ainda o seu berço tosco em que ficava todo encolhido e, de olhos muito abertos a uma réstega cintilante de luar que entrava agora no quarto, pôs-se à escuta. A irmãzinha respirava suavemente, a mãe, ofegante. Dormiam ambas.

Então o pequeno, devagarinho, levantou-se e, descalço, tendo apenas vestido um longo roupão de flanela branca que fora do filho duma freguesia da costureira, abriu a porta-janela que deixou apenas encostada, desceu ao 3.º andar e empurrou a porta da cozinha. A jorros o luar penetrar com ele no aposento que — aí! — estava bem vazio e sem sapato algum na chaminé... Mas uma voz se ouvia do interior da casa:

— Carolina!

— E a criança, sem reflectir, habituada a dizer as coisas como elas eram, respondeu elevando a débil vozita:

— Não está cá!

Um momento de silêncio, depois um ruído, uns passos abafados e um vulto que se esboça na porta ao fundo da cozinha. É o sr. Soares que, espantado com a aparição da criança que sem dúvida toma por sobrenatural, no facto rutilante do luar e com o longo roupão alvo de neve, solta uma exclamação rouca e ampara-se á porta como se as forças lhe faltassem.

— Não se assuste, disse Antoninho avançando. Sou eu! Tudo parecia, afinal, tão cá

dêste mundo que o homem sereneou.

— Mas quem és tu? De onde vieste? inquiriu.

— Lá de cima! respondeu o pequeno apontando o teto.

— Lá de cima... Do Céu? continua o sr. Soares de novo inquieto.

Seria então verdade que havia qualquer coisa para além das camadas atmosféricas e ele ia ser castigado, ao menos com o pavor de morte que o assaltava, pela sua sistemática incredulidade?...

Mas de novo a criança o tranqüilizava:

— Não... Das águas-furtadas... Vinha ver se o Menino Jesus já cá estava... Talvez que ainda não seja me-a-noite...

Ele vem... pois vem? Há cá tantos meninos no prédio...

Acercara-se e levantava-se nas pontas dos pés para poder ler no rosto do homem a sinceridade da resposta pela qual ansiava.

Tocado profundamente pelo encanto que irradiava do pequenino, o sr. Soares puxou-o para si e apalpou-lhe os aneis dourados do cabelo. Estendeu a mão para o interruptor eléctrico, inundou a cozinha de luz e só nesse momento se convenceu de que se não tratava de uma visão.

Então um pensamento — e deveria ser a derradeira dúvida que se lhe apresentaria ao espirito — fê-lo sorrir como nunca ninguém tinha visto sorrir o sr. Roberto Soares.

— Não sei se há anjos lá no Céu, mas cá na terra há-os com certeza...

Ja a fechar a porta da cozinha mas Antoninho deteve-o:

— Deixe-a ficar só encostada, sim, para não afligir a sr.ª Carolina quando ela voltar da Missa do Galo... Fica ao cuidado do Menino Jesus, não há perigo...

— Ah! disse simplesmente o homem ao encontrar a explicação do estranho acontecimento.

Dócilmente, com a criança pela mão, passou ao escritório onde ambos se sentaram, comodamente, lado a lado, e onde se encetou e manteve um diálogo que, pela candura de um e a boa vontade do outro, deveria ter ecoado no Céu como um dos mais gloriosos hinos daquela noite de Natal...

M. de F.

PALAVRAS MANSAS

NOTAS DE FÉRIAS

Ainda há poucos anos, eram raros os óculos escuros. Socorriam-se deles, sabe Deus com que vontade, os olhos fracos e doentes. Não eram um luxo, eram um paliativo.

Usavam deles os homens, por indicação médica, com muito mais resignação do que prazer, como aliás era de esperar, porque nas doenças e até na vida caseira, nêles a resignação é mais cômoda do que a resistência de lã-branca, mas intransigente e viril. Que o diga a moda, por toda a parte, com os seus caprichos e as suas aberrações... Tornou-se rainha do mundo — e que rainha! — por encontrar nos homens uma resignação, que chegou até o ponto de ser cumplicidade...

As mulheres, essas não. Tinham horror pelos óculos pretos. Na intimidade caseira sujeitavam-se a tudo — à meia luz, à penumbra, à sombra espessa... Sujeitavam-se a não ler nem costurar dias e dias. Mas a prescrição clínica, como o lume do lar, não havia de ir mais além.

Queriam obstinadamente sair à rua tais como eram ou como desejavam ser, tendo nos olhos a sua luz natural e a sua expressão característica. Óculos escuros sobre um nariz nervoso e fino, que tristeza mortal e que deformação monstruosa! Nem Soares de Passos se tinha lembrado de acidentiar com esse pormenor agourento o cenário ultra-romântico do Noivado do sepulcro.

Ainda se os óculos fôsem azuis, como o céu, como a esperança, como os sonhos da juventude... Mas escuros.

Usá-los — que pavor! — o mesmo seria que tomar antecipadamente luto pela morte dos próprios olhos. Antes ceguinhas, como dizia melancolicamente António Nobre.

Menos vaidosos, pôsto que mais egoístas, só os homens usavam então óculos pretos, que lhes davam sempre um aspecto grave, concentrado, rebarbativo e funéreo... Supunha-se que havia por detrás deles uma tragédia íntima — lancinante e insondável. Até se dizia às crianças, para as intimidar e conter: — caluda! que vem aí o homem dos óculos!

Homem fatídico, homem inquietador, homem misterioso... Lembram-se?... Não foi na época do Dante, em Florença, foi na nossa terra e num tempo muito mais perto de nós, foi connosco.

Como tudo mudou rapidamente! Como a vida muda, até na morte!

Hoje os óculos escuros, petulantemente vidrados, fazem parte da indumentária feminina nas praias de

maior renome, que desgraçadamente perderam há muito a simplicidade ingênua e sã da Torreira. Sapatos que só têm sobre as sandálias a superioridade dos saltos, meias finíssimas de ar e luz, vestido leve, garrido, sôlto e a espaços flutuante, colar exótico, lenço de três pontas sobre o cabelo brandamente guilhotinado e óculos da cor da noite e do corvã de São Pedro da Cova.

Deixem passar! como diziam os economistas da escola liberal, muito familiarizados com o dilettantismo irónico e sugestivo de Renan. Deixem passar! Em contraste com as procissões de velas, o desfile dos óculos escuros, ia quasi a dizer, tenebrosos...

Tôdas as resistências femininas, que são, ao mesmo tempo, tão frágeis e tão poderosas, cederam, como por encanto, deante da imposição caprichosa de um qualquer modisto de Paris, espécie de Staline da eterna vaidade humana, que foi sempre maior de que a Rússia.

Era de esperar. Quando se trata das exigências da moda, ceder, seja no que for, já não é uma abdição é um prazer.

As portadoras dos óculos, como diz um médico meu amigo, quasi tôdas novas, primaveris, naturalmente vêm tudo sombreado de escuro — as nuvens e as ondas, a areia e a espuma, os poentes e as barracas, a família e os próprios namorados. Tudo de escuro. Imagem da vida interior? Não direi tanto.

Iniciação talvez no desencanto, na prosa amarga e desoladora da vida...

Esta visão nova das pessoas e das coisas em que medida e até que ponto poderá influir na alma das raparigas? Até onde irá no seu futuro a projecção dos óculos da moda?... Pergunto, mas não respondo. Responderá o tempo, e mais depressa do que todos nós pensamos...

Não se riam. Já se escreveu que os óculos escuros fazem também parte da felicidade da mulher nova. Ajudam a realizar os seus sonhos e as suas aspirações. Contribuem para que ela tenha inquietação e dinamismo. Dão-lhe a ela o que não podem dar aos cegos...

Felicidade sem horizontes de uma amplitude infinita e tanto ao alcance da mão, que vem da Marinha Grande e se compra, em casa de um oculista, a preços convidativos.

Serem filhos da luz, como dizia S. Paulo, para muitas raparigas de hoje, desgraçadamente vale pouco, muito pouco.

Correia Pinto

À volta do presépio

Vem aí o Natal. É a festa do nascimento do Menino Jesus. O mundo endoidado pelo ódio não ouve a palavra de paz, nem o canto dos anjos, nem vê a lição de amor do Verbo Divino feito homem por amor de nós.

A nossa terra é ainda, e esperamos que continue a ser, no meio do mundo revoltado um oásis de paz.

Lembremos nesta bendita noite de Natal que no Presépio está a fonte e origem da nossa grandeza divina. Jesus aniquila-se para nos erguer até Si. Longe de Deus o mundo esboroa-se.

Aproximemo-nos confiadamente do Menino Jesus. Aprenda-mos dele as virtudes que nos hão-de fazer grandes. Contemplemos as admiráveis lições de caridade, humildade e pobreza que no Presépio nos dão o Menino, sua Mãe e São José.

Em cada igreja, em cada casa,

em cada obra católica erga-se pobre ou rico o tradicional presépio cristão e católico.

Tiragem da «Voz da Fátima»

NO MÊS DE NOVEMBRO	
Algarve	5.771
Angra	20.636
Aveiro	8.942
Beja	4.127
Braga	78.738
Bragança	12.253
Coimbra	14.455
Évora	4.774
Funchal	13.589
Guarda	18.697
Lamego	12.359
Leiria	14.291
Lisboa	13.629
Portalegre	12.351
Ponte	52.442
Vila Real	24.360
Viseu	10.095
Total	321.512
Estrangeiros	3.477
Diversos	12.091
Total	337.080

Nun'Álvares, o Santo Condestável

A postos!

Estamos a pouco de um mês do 25.º aniversário da Beatificação de Nun'Álvares, Herói da Pátria, e servo dilectíssimo do Senhor. É data jubilosa para católicos e portugueses dignos deste nome. Vergonha seria que as Bodas de Prata desta Beatificação não merecessem de todo o Portugal cristão o interesse e o entusiasmo que sempre despertam em nós, filhos da Igreja e de uma nação que sempre timbrou em «fazer muita cristandade» — como tanto se lembra agora, e ainda bem — as grandes e solenes comemorações da Igreja e da Pátria.

Felizmente e pelas notícias que vêm de várias terras do país, animados a esperança, ou antes, a certeza, de que as Bodas de Prata do Beato Nuno de Santa Maria serão celebradas com brilho e devoção, afirmando-se bem alto os nossos brios nacionais e religiosos, atingindo o significado de consoladora e nobilitante manifestação nacional.

No Museu de Nun'Álvares, em Lisboa, (igreja de S. Vicente), começaram as conferências e sessões de propaganda condestabrianas, preparatórias das comemorações, em janeiro próximo, das Bodas de Prata da Beatificação de Nun'Álvares.

Excelente exemplo, fácil de imitar por agremiações católicas de juventude, em vários pontos do país. Foram numerosas e tôdas muito concorridas as solenidades do mês de novembro em honra do Santo Condestável, realizadas em Lisboa e noutras terras.

Não se esqueça que, nestas solenidades a realizar em Janeiro próximo, o nosso dever é duplo: agradecendo ao Céu a graça da Beatificação, não deixemos de suplicar-lhe a da canonização. Entretanto, e desde já, com toda a fé e confiança, rogamos a vossa intercessão do Santo Condestável a favor da paz, da paz no mundo, e em especial, a paz no nosso país.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª série)

XXVII

Depois da Guerra

Pela rádio-telefonía ouviu-se o badalar de um sino longínquo. Estas badaladas, explicou o locutor, representam o número de navios que foram afundados na última semana. Por essa vastidão dos mares, quantos frágeis barquinhos recolheram naufragos, em risco de morrer à fome e à sede, ou na iminência de ser tragados pelas ondas?

Quantas Naus Catrinetas vagueiam pelo mar largo, com pobres farrapos humanos que têm muito que contar?

E, na terra, milhões de homens atiram-se ferozmente uns aos outros, numa ânsia diabólica de destruição!

Escrevem-se no mar novos capítulos da História trágico-marítima, e, na terra vão-se registando cataclismos, como aqueles que a Bíblia narra, nomeiam-se cidades em que não fica pedra sobre pedra, populações inteiras são deslocadas como no cativo de Babilónia. Quando será que os campos de batalha dispersos nas cinco partes do mundo serão de novo transformados em campos de pão?

Só Deus sabe como e quando terminará a guerra.

Esta fúria exterminadora terminará um dia e os homens dar-se-ão as mãos, para se esquecerem das ruínas em que, por sua culpa, se enterraram.

Não é lícito fazer profecias, mas podemos, perfeitamente, comparar a situação actual com aquela em que, no primeiro quartel do século passado, as campanhas napoleónicas deixaram o mundo. Fartos de carnificinas, os imperadores da Rússia e da Austria, e o rei da Prússia assinaram em Paris, a 26 de Setembro de 1815, um tratado de paz, que foi designado por Santa Aliança, tão di-

ferente da Sociedade das Nações de 1918.

Em Nome da Santíssima e Indivisível Trindade, começava aquêlê tratado, que era assinado por três príncipes cristãos, mas de confissões diversas, católico o da Austria, protestante o da Prússia e cismático o da Rússia, todos se comprometiam a tomar por guia único os preceitos da Santa Religião, «isto é os preceitos de justiça, caridade cristã, e paz, que, longe de serem somente applicáveis aos negócios particulares, devem ter uma influência imediata nos Conselhos dos Príncipes, e guiar todos os seus passos, como único meio de consolidar as instituições humanas, e remediar as suas imperfeições».

Passavam a considerar as três grandes nações como um só Estado, povoado por irmãos e tendo Deus como Soberano único — Deus, nosso Divino Salvador, o Verbo do Altíssimo, a Palavra da vida.

Pouco depois de decretada a fraternidade universal, a Santa Aliança fôlhou desastrosamente, e os povos da Europa envolveram-se, outra vez, em lutas intermináveis, em defesa da chamada Verdade.

Quantas guerras têm dilacerado o mundo desde então?

Parece que o estado normal da humanidade é a guerra e que os intervalos de paz são muito passageiros.

Contudo, lembremo-nos que vem aí o Natal e devemos pedir a Deus que uma revoada de anjos, como aquela de que nos fala o Evangelho segundo S. Lucas (II, 14) proclame:

«Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens!»

J. A. Pires de Lima

O NOME DE MARIA

— Que nome quere que ponha à pequena? perguntava minha Madrinha a minha Mãe pouco antes do meu baptismo.

— Olhe, menina, ponha-lhe o nome que quiser desde que o primeiro seja Maria. Tenho já quatro filhas e ainda não tenho nenhuma Maria em casa.

E foi assim que o nome de minha mãe do Céu, escolhido pela minha mãe da terra, marcou a minha alma de criança indelévelmente com um sinal de bênção. Recordo esta circunstância com um íntimo e indefinido contentamento e a ela atribuo a protecção especialíssima da Virgem através de toda a minha vida.

Se não é possível contar no firmamento, as estrelas, também no firmamento da minha existência são igualmente inumeráveis as graças que as Suas mãos maternais derramaram na minha alma infiel e pobrezita.

O ter vindo ao mundo no seio de uma família cristã e numerosa, num ambiente modesto e sadio.

Pais cujas qualidades e exemplos de sacrificio, de trabalho, de carácter e de probidade são uma escola que nenhuma outra pode substituir. União e amor de família tão fortes que nem a morte nem a ausência lhes podem quebrar os laços. Junto a tudo isto os mimos e carinhos especiais que é costume prodigalizar-se à benjamina da casa, nas famílias em que cada filho é recebido como uma bênção do Senhor.

Que saudades da minha infância feliz e descuidada junto de meus Pais e irmãos, no seio

de tanto amor! As primeiras letras ensinadas carinhosamente por meus irmãos, o catecismo que aprendi dos lábios de minha mãe, o dia inolvidável da minha primeira comunhão!

Necessidades do estudo obrigaram-me a sair do ninho bendito, para longe das asas protectoras do teto familiar. Longos anos, tristes anos em que a minha alma batida pelos ventos de tantas tempestades, perdeu o norte da Fé e da Verdade que a guiava desde o berço. Longos anos, tristes anos... Leituras, companhias, as teorias dos mestres, as próprias paixões, tudo isto alimentava o jolo que crescia e se desenvolvia à vontade no terreno indefeso do meu coração. Indefeso, não! Alguém velava: a mãe da terra e a mãe do Céu.

A primeira julgando-se impotente para agir, ora ardentemente. As lágrimas e orações duma mãe jámais o céu deixou de atender.

Maria Santíssima recebia no Seu coração compassivo e terno as fervorosas súplicas da pobre mãe e também não esquecia que a ovelhita desgarrada usava a librd do Seu nome bendito: — Maria! Por isso carinhosamente, docemente, como só as mães o sabem fazer, foi tangendo a pobre ovelhita, sem ela própria o sentir para o rebanho do Senhor, para os braços do Seu divino Filho.

Sede para sempre Bendita oh! minha Mãe Santíssima!

Neste ano jubilar, em que a generosidade dos Vossos filhos Vos oferece tantas prendas valiosas, eu venho colocar humilde

e confiadamente no Vosso regaço maternal o meu coração pobrezito mas a transbordar de gratidão e de amor por Vós! Fostes Vós que me levastes para Jesus, mas foi Ele que me trouxe para a Vossa Diocese preferida para que, no Santuário querido das Vossas aparições, no contacto e convívio de tantas almas, que Vos amam, na procissão de corações que ardentemente Vos veneram, eu acendesse a chama do meu, eu aprendesse a conhecer-Vos e amar-Vos melhor, oh! minha Mãe!

Maria! Nome lindo, nome bendito que me faz evocar o Vosso amor! Nome que a minha alma entoa como um hino de gratidão ardente! Nome de pureza e de brancura imaculada que eu quero honrar com uma vida pura porque êle é Vosso, o nome de Maria.

Acabou o Jubileu?

mas fica como lembrança da Fátima um livrinho muito lindo com 65 fotografias que são o retrato da vida do Santuário, das suas peregrinações. Para crianças, para adultos, para todos. Para escolas, para catequeses em quantidades faz-se desconto.

Pedidos à depositária — GRÁFICA — LEIRIA.
Pelo correio — 3\$50 — à cobrança 4\$00.

NÃO DIGA MISSA

com vinho que não presta.

A Gráfica de Leiria vende o óptimo, branco, doce, por metade do preço do vinho do Douro.

Peça preços à Gráfica — Leiria.